

DANTAS, Francisco J. C. *Os desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 221p.

Fica difícil falar de um livro depois que a melhor crítica já se manifestou a seu respeito. Francisco Dantas, que em 1992 já obtivera os maiores elogios ao publicar *Coivara da memória*, reaparece em 1993 com *Os desvalidos*. Como professor de literatura da Universidade Federal de Sergipe, sempre demonstrou grande rigor analítico em seus estudos e é esse rigor que encontramos agora em sua prosa.

Os desvalidos, em relação a *Coivara*, apresenta algumas diferenças fundamentais, como a frase incisiva, curta, de ritmo cadente, além de uma precisão a toda prova. Cada palavra está ali como se colocada a dedo. Sem os parágrafos longos e a frase sinuosa de seu primeiro romance (o que não constitui defeito, mas exigência dos princípios da verossimilhança), este segundo romance pega o leitor pela palavra cheia de sugestões sonoras, buscada na fala regional a que o autor dá um tratamento refinado. A recorrência ao discurso indireto livre é a forma que ele encontra para não perder o controle sobre a fala das personagens e não cair no regionalismo fácil. Mesmo que o leitor desconheça as corruptelas do linguajar do interior sergipano (linforme/uniforme, librininha/neblininha), é atraído pelos detalhes sensoriais que tais palavras sugerem. O fundo oral sob a vigilância implacável do narrador é o grande veio onde Francisco Dantas vai fundar sua narrativa.

O romance começa com um grito: "Lampiãããã morreeeu! . . .". Coriolano, a personagem central, não acredita que chegou a hora de se libertar do medo que o tomou há alguns anos. Agora ele pode voltar para o Aribé a fim de

cuidar de seu pedacinho de terra, embora saiba que ali não brotará nada. O grito estremece “em rebates pegando a boca do peito” de Coriolano, que fica durante alguns instantes sem acreditar na morte do “zarolho rei enfuriado”. Quando digere a notícia, percebe que é apenas um fracassado. Não foi bem Lampião que o tangeu para aquele destino de pária social. Mas prefere acreditar que agora tudo vai ser diferente em sua vida: “Viva Deus, que enfim posso outra vez enfrentar o meu destino!”.

Daí em diante desenrola-se a epopéia ao inverso dos desvalidos. Além de Coriolano, lá estão o tio Filipe, Maria Melona, Zerramo e o próprio Lampião. Pouco a pouco vamos nos dando conta de que desvalido é todo um povo abandonado. É toda uma região que parece estar próxima do fim. Um dos resultados do trabalho com a linguagem neste romance é que a gente lê a história passada há seis décadas como se fosse hoje. Remoendo o passado (o que o levou a ficar em Rio-das-Paridas) e o projeto futuro (seu retorno ao Aribé), Coriolano quer ter acesso às causas de sua ruína. Não consegue. O trabalho de Francisco Dantas com a personagem vai pouco a pouco apagando o tempo histórico e em seu lugar se insinua o tempo mítico das tragédias, ao colocar problemas que até hoje permanecem insolúveis. É a tragédia nordestina que surge em sua contemporaneidade. Coriolano, neste sentido, tem algo do herói trágico porque inocente do peso que se abate sobre si, incapaz de compreendê-lo. Várias vezes ele se pergunta por que tanta desgraça. Começa pelo próprio corpo, o aleijão que carrega desde menino, depois a erisipela que lhe come a perna, e termina com a derrocada econômica porque não conseguiu acompanhar a mudança dos tempos. “Por que diabo será que esses caprichos afrontosos e tão declarados não pegam em gente mal-procedida, em bodegueiro safado, e só prejudicam mesmo quem tem algum engenho por dom, ou vive a cuidar de sua arte? Negocinho invocado!” O que acontece a ele e aos outros foge ao seu entendimento. Sempre à procura de algo que justifique o dismantelo de sua vida, ele diz mais adiante: “Bem que naquela ocasião podia ter ficado, atendendo ao rogo daquele que o gerara. Mas não! Fora descaridoso com o próprio pai! E partira sim, para se desobrigar dos encargos de filho de pobre que o velho aqui lhe reservava”.

A culpa se avoluma cada vez mais porque ele não tem as chaves para vê-la com clareza. As personagens de *Os desvalidos* vivem numa eterna mobilidade, tangidas por um destino que é antes culpa de uma estrutura social que algo inerente ao homem. Todos gostariam de ter vivido de outra forma. Até Lampião tem o seu momento reflexivo e acha que "a vida só presta mesmo quando a gente tem fé de arranjar um lugarzinho decente, de ajeitado sossego, e um lote de finas mercadorias para garantir de verdade a mulher que se quer bem!". Chega um instante em que o cansaço do tempo vai se apoderando de todos eles. E o tempo é a grande personagem deste romance. É ele que agrava a miséria física e financeira dos rebotalhos, transformando-os em sobras, sobreviventes de uma região que o Brasil parece ter definitivamente esquecido.

Coriolano lembra as palavras do pai: "O tempo é uma esparrela". O fracasso de sua vida ele percebe quando, "tendo chochado sem fazer filho, e já agora um ovo indez, vitalino de potência encruada", vê que não tem tempo para fazer mais nada. Virou "um mamoeiro macho", "um pé de pau peco, bichado". Como alma penada, ele se arrasta pela noite de Rio-das-Paridas sem solução para suas indagações existenciais. A infelicidade que carrega por não ter mão sobre seu destino nem também as condições para entendê-la se agrava quando se encontra com o tio Filipe nos momentos finais do romance. Os dois juntos são duas desgraças ambulantes. "Chegou com tal indigência, com a cabeça em algodão tão fofa e variada" que ninguém o reconheceu. Mais uma das peças pregadas pelo tempo. O tio Filipe, que fora de posses, está ali diante de Coriolano, mais desgraçado que nunca. "Destino, minha gente, ninguém governa!" O leitor sabe que não é bem assim, mas as personagens não. Daí a dimensão trágica alcançada por Francisco Dantas ao retomar o tema tão difícil do cangaço, num momento em que a literatura brasileira se bandeou de vez para o urbano com personagens vazias de densidade psicológica.

Antônio Carlos Viana
Universidade Federal de Sergipe